

RELACAM

DA MAGNIFICA, E SUMPTUOSA POMPA FVNERAL

*Com que o Real Convento de Palmella da Ordem Militar
de Santiago, celebrou as Exequias*

DA

SERENISSIMA RAINHA N. SENHORA

D. MARIA SOFIA ISABEL DE NEOBURG,

Sendo Prior mor o Illustrissimo & Reverendissimo Senhor

D. FRANCISCO LOBO DA SILVEIRA,
do Concelho de Sua Magestade.

DEDICADA

A SERENISSIMA SENHORA NOSSA

D. CATHERINA RAINHA DA GRAN BERTANHA.

Pelo P. SEBASTIAM DA FONSECA, E PAYVA
Capellaõ Compositor que foy da sua Real Capella, Mestre Presi-
dente do Hospital Real de todos os Santos, & ao presente
Freire Capitular, & Mestre da Capella, no Real Con-
vento de Palmella.



EM LISBOA.

Na Officina dos Herdeiros de Domingos Carneiro. Anno 1699.

Com todas as licenças necessarias.

RELAÇÃO

D. MARIA SOFIA
D. MARIA THERESA

Com que o Real Conselho de Portugal de Ordens Militares
de 2.º de Maio, credores as Leis e Estatutos
D. A. N.º 100.000.000

SENHORA RAINHA N. SENHORA

D. MARIA SOFIA

ISABEL DE NEUBURG

Senhor Príncipe e Ilustíssimo e Reverendíssimo Senhor

D. FRANCISCO LOBO DA SILVEIRA

do Conselho de Sua Magestade

DEDICADA

A SENHORA RAINHA N. SENHORA

D. CATHERINA

RAINHA DA GRAN BERTANHA

Por D. SEBASTIAO DA FONSECA, ESCRIVÃO

Capellão Compositor que foy da sua Real Capella Mestre Prel-

heute do Hospital Real de todos os Santos, & ao presente

Primeiro Capellão, & Mestre da Capella, no Real Con-


vento de Palmella



EM LISBOA

Na Officina dos Herdeiros de Domingos Carneiro. Anno 1699.

Com todos os Direitos de Impressão



DEDICATORIA.



PRIMEIRA Relação da jornada que V. Mag. fez deste Reyno para o de Inglaterra (ditofo emprego de minha poesia) puz aos seus reaes pés, relatando o custoso, & amante triunfo com que Lisboa enxugou as lagrimas da ausencia de V. Mag. & juntamente o successo da

jornada do mar até Portsmouth, continuando na segunda parte a jornada de Portsmouth até Antancourt, & na terceira a feliz entrada, & applausos felices com que Londres recebeu a V. Mag. de cuja Real Capella hia eu por seu Capellaõ & Cõpositor. E como V. Mag. por sua Real benignidade se dignasse de aceitar a obra de sua jornada naquella occasião, me acho obrigado nesta presente a pôr tambem a seus reaes pés, a jornada que pelo vasto mar de nosso sentimento. & Oceano de nossos olhos, fez desta vida temporal para a eterna a Serenissima Rainha N. Senhora D. Maria Sofia Isabel, noticiando as solenes Exequias que lhe celebrou o seu Real Convento de Palmella da Ordem militar de Santiago, donde sou conventual. Queira V. Mag. dignarse de absolver minha confiança, de sculpan-do erros nascidos de hum reverente affecto, que como obediante subdito & vassallo de V. Mag. lhe devo tributar: prospere Deos nosso Senhor a vida de V. Mag. para ser amparo de tantos, & consolação de todos, &c.

ROMANCE.

Depois que correo a nova
da Magellãde defunta,
cuja pena em nossos olhos
as lagrymas nunca enxuga.

Tão geral o sentimento,
que inda apenas se divulga,
quando os ays entre os gemidos
vozes formavaõ confusas.

Todo Portugal chorava,
sem ficar pessoa alguma,
que a seu amor não offerte
as correbres que tributa.

O nosso Prelado, que
sempre excessivo madruça,
nas finezas como amante
desta maravilha murcha.

O que governando sempre
com zelo & prudencia muiya
reprende com sumissão,
& castiga com brandura.

O que zelando o divino,
não faltando a cousa alguma,
dependendo com grandeza,
julga o faltarte penuria;

Mas como a sua nobreza,
tanto o seu ingeito illustra,
passa alem de liberal,
& faz de o não ser injuria.

Este que em outras funções,
caprichou como costuma,
de sorte, que he do seu gualto
Tomar, boa testemunha;

Ouvete com tal excessõ
que ao mesmo instante divulga
se faça demonstraçoã
da pena que o peiro occupa.

Mandou chamar architectos,
& sem dilacão alguma
se vio o templo enlutado
de funebres colgaduras.

Com veludos & bacias,
ficara tudo as eicuras,
se da prata a guarniçaõ,
naõ desculpara esta culpa.

No meyo do templo estlava,
com bem feita architectura,
hum Mausoleo, como o que
maravilha se intitula.

Sobre tres degraos estava
a mais magestosa urna,
cuberta de ouro, que Midas
envejara a cubertura.

Em cima de hũa almofada,
estava com pompa muita,
a coroa que ficou,
de hũa das partes viuva.

Sobre esta estava pendente,
hum estandarte, que em summa
constava daquellas armas,
cujas chagas o Ceo cura.

De outra parte nas do Imperio
com as cinco Quinas juntas,
estava aquella, que sempre
os rayos do Sol cõmunga.

Pendia o dito estandarte,
de hum docel, manufactura
do mais sutil pensamento,
por ser obra mui meuda.

Sobre o arco da Capella
outro escudo se pendura,
com outras armas, que imitaõ
as que estaõ pelas colunas.

Fez se

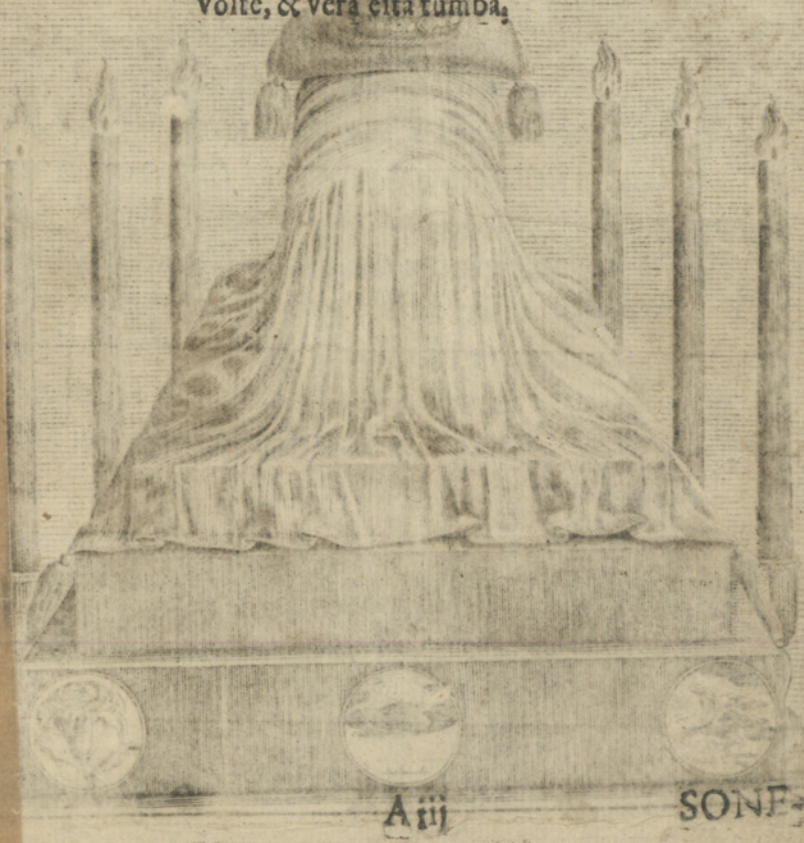
Fez-lo muy solene officio
com boas vozes, & chulma,
com musica muy seleta,
& termo de *non plus ultra*.

Assistio o bom Prelado,
em cuja assistencia occupa
cadeira pontifical,
ora capa, ora cazula.

5
Sinco resposos no fim,
que senão fizera injuria
às vozes do Ceo, dissera,
que o eraõ pela doçura.

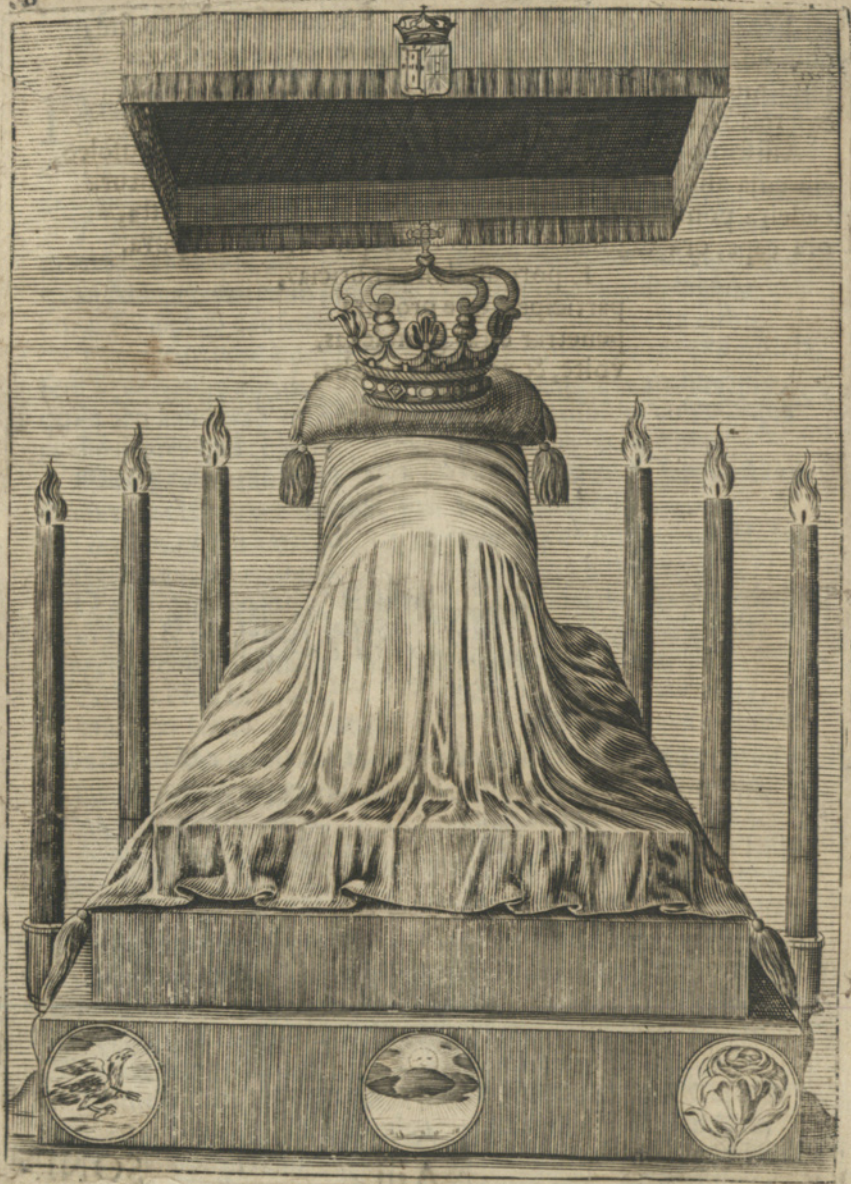
Nos degraos do Mausoleo,
de oito emprezas a pintura
occupa o sitio, & a vista,
de que curioso as apura.

E porque destas noticias,
participe o que procura
penetrar estas grandezas,
volte, & verá esta tumba.



Aij

SONE



SONETO.

E Unebre Mausoleo, Urna enlutada,
Nuvem que ecclipla o Sol da Monarchia,
Sombra que occulta a luz do melhor dia,
Manto que cobre a flor mais venerada:
A roza que de Cloto foy cortada,
A Aguia que ferio a parca impia,
A Nao, que naufragou na Thetis fria,
A flor que em candidez foy transformada:
A planta que deixou tanta memoria,
A roza transformada em afucena,
Chorando o mundo està taõ triste historia;
Rindo o Ceo, porque Deos assim o ordena;
Mas se já se acabou a nossa gloria,
He justo que comece a nossa pena.

MOTTE

Esta das flores de Marly,
nesse Verge de Lisboa,
quando loytrava a Coro,
então a coron a Paris.

Alcira

A iij

Esta



M O T T E.

Esta das flores Monarca,
neste Vergel de Lisboa,
quando lograva a Coroa,
então a cortou a Parca.

Alerta

G L O S A.

A Lerta flores, alerta,
que a morte vizita as flores,
& apontando seus rigores,
à Rainha flor acerta:
Alma que dormes, desperta,
se de Christo tens a marca,
vendo a roza entregue à Parca,
não duvides da cahida;
pois acabou hoje a vida,
esta das flores monarca.

2

E Sta roza, que a Rainha
se chamou de todo o prado,
acabou o seu reynado,
perdeo o bello que tinha,
morreo a flor entre a espinha
depóz a regia Coroa,
& sómente o ecco foa,
dizendo nesta agonia:
Acabou a flor que havia
neste Vergel de Lisboa,

A Ntes de Rainha ser,
não a ameaçou a morte,
era jasmim de outra Corte,
que lhe deu de flor o ser;
lá começou a viver,
com dita & sorte tão boa,
que morrer veyo a Lisboa,
quando Senhora se vio,
quando a purpura vestio,
quando lograva a Coroa.

4

E Sta roza, que nos deo
tanta flor a Portugal,
esta Aguia imperial,
que de luzes nos encheo;
a que nos enriqueceo,
(exemplar sempre Monarca)
a morte que tudo abarca,
secou cruel seus verdores;
pois quando nos dava flores,
então a cortou a Parca.

A iiiiij

Esta



Este Aguiá altiva, & discreta,
 que tanto o Luzo prezava,
 quando mayor voo dava,
 entao a ferio a setta.

Ella

Aqui

Como

G L O S A .

1
C Omo era Aguia Imperial
que tem por objecto o Sol,
deixa hoje o menor farol,
busca o que não tem igual:
regista o Sol celestial
tão ligeira como seta,
& como Deos o decreta,
(com amor mais puro & fino)
foy buscar o Sol divino,
esta Aguia altiva & discreta,

3
V Oa alto & deixa a terra,
porq̃ o Ceo vay povoar,
que começando a voar,
logo de nós se desterra:
o caçador que não erra,
lhe acertou quando voava,
& quando se remontava
a esses Ceos, donde subio,
entrao ferida cahio,
quando mayor voo dava.

2
A Cabou sua carreira,
seus vóos já derao fim,
passou de Aguia a Serafim,
& foy ser nossa terceira:
se acaba desta mancira,
o Sol que luzes nos dava,
lamente quem mais a amava;
pois morreo o bello encanto,
que o mundo estimava tanto,
que tanto o Luzo prezava.

4
C Ahio para mais subir,
já da vida despedida,
que em quanto á vida he cahida:
todo o voar, & luzir;
bem se pôde collegir,
desta conclusao discreta,
que prova bem o poer-
no que diz (tem ser de Athenas)
pois quando zombou das penas,
entrao a ferio a seta.

Este
quando no Ceo estava
entrao a travem o equivo

Avj

Este



Este Sol que se deviza,
 já sem as luzes que dava,
 quando no Zenit estava,
 entaõ a nuvem o eclipsa.

M O T T E.

Este

Apenas

G L O S A.

A Penas sahio o sol,
 (que para glorias sahio)
 quando entre sombras se vio
 o seu dourado arrebol:
 não he seguro o farol,
 quando o tempo nos aviza,
 que o campo q̄ le matiza,
 tambem se vê despojado;
 & hoje se vê eclipsado,
 este Sol, que se deviza.

N Aõ se fie da ventura,
 quem logra felicidades,
 que ella tem variedades,
 & nunca no bem atura:
 quem logrou mayor altura
 & nas dittas confiava,
 veja que a que luzes dava,
 dominando os elementos,
 perdeu os seus luzimentos
 quando no Zenit estava.

Vio seffe Sol superior
 no Zenit de Portugal,
 que no Oriente Imperial
 nasceu para cá se por;
 vio se com grande splendor,
 todo o mundo alumiaua;
 & suposto hontem brilhava
 este Sol por varios modos,
 hoje no Ocaso o vem rodos,
 já sem as luzes que dava.

NEm do Sol os rayos de ouro
 deixaõ de ter seus desmayos,
 nem se izentaõ por ter rayos,
 do desmayo, & do desdouro;
 & esse das luzes thesouro,
 mysterioso nos aviza,
 pois no eclipse se deviza,
 (sendo celette diamante)
 que quando está mais brilhante,
 entaõ a nuvem o eclipsa.



M O T T E.

Esta que já fez jornada
 com vento em popa algum dia,
 quando mais segura hia,
 então se vio soçobrada.

G L O S A .

1

Pomposo o baxel sahio
 Capitania imperial,
 & do Imperio a Portugal
 ja mais tormentas sentio;
 noutra jornada se vio,
 de temporaes mal tratada,
 entre as ondas soçobrada,
 & em grande risco se achou,
 esta que os mares cortou,
 esta que já fez jornada.

3

Não na romou de repente,
 desta tormenta o perigo,
 pois sempre buscou o abrigo
 daquella estrella luzente:
 do piloto mais ciente,
 na jornada se valia,
 & assim pelo que sabia,
 conheço que naufragava,
 quando em popa navegava,
 quando mais segura hia.

2

FOy a jornada primeira,
 mais que a segunda feliz,
 porque o altrissimo quiz
 que esta fosse a derradeira:
 a fortuna bandoleira,
 que entao feliz lhe assistia
 deixa o rumo que seguia,
 & viose em hũa, & outra hora,
 se com borrasças agora,
 com vento em popa algú dia.

4

NA terra o perigo teve,
 na terra se sumergio,
 no mar tormenta sentio,
 mas foy tormenta mais leve;
 como o lusto foy tao breve,
 deu em terra naufragada:
 não fie da sorte nada
 quem he visto nesta guerra,
 pois indo já terra terra,
 entao se vio soçobrada.

G L O R I A

**MOTTE.**

Morreo a flor, oh que pena!
 oh que dor! cahio a estrella,
 & ficou a roza bella
 transformada em afucena.

O Sol

G L O S A .



O Sol em funebre pira,
 o dia em sombra nocturna,
 a flor agoniza em urna,
 o prado & corte suspira;
 o girasól já não gira,
 he hum delmayo a alucena,
 canta triste a Filomena,
 tornou-se desgraça a dita,
 poz-se o Sol, oh que desdita!
 morreo a flor, oh que pena!

L Utou com o prado a morte,
 todas as flores se armárao,
 cravos & rozas brigárao,
 & foy a batalha forte:
 foylhe soccorro da Corte,
 (que esta sempre as flores zela)
 teve a morte boa estrella,
 teve bom valor a roza,
 foyse a morte victoriosa,
 & ficou a roza bella.

C Hega o juizo das flores,
 vem os astros a final,
 morre o Sol de Portugal,
 saõ suas luzes horrores;
 deslustraõse os resplandores,
 a fermosura mais bella
 do golpe não se acautella,
 he deslultre a mesma graça,
 tudo he sombra, oh q̄ desgraça!
 oh que dor! cahio a estrella,

I Nda que valente a flor,
 da morte ficou vencida,
 & em terra se vio cahida,
 tudo estrago, tudo horror;
 mudou a roza de cor,
 vestiose o gosto de pena,
 tudo a sentir nos condena,
 pois se vê a roza assim
 revestida de jasmim,
 transformada em alucena.

(por divino precio)
 de amor perdido
 por ser perpetuo Co.

Foy

Esta



MOTTE.

Esta flor que faleceo,
 foy (por divino preceito)
 de Lisboa, amor perfeito,
 por ser perpetua no Ceo.

Foy

Est

G L O S A .

1
Foy vencida, & vencedora,
 esta flor tão celebrada,
 que até no ser despojada,
 d'um mostras de ser senhora:
 victoriosa, & triunfadora,
 se vio quando a cor perdeo,
 pois se creê sobio ao Ceo,
 a lograr o que adquirio,
 esta roza que cahio,
 esta flor que faleceo.

3
NAsceo cõ prendas tão bellas
 lá no Imperio tão fermosa,
 que era entre as flores a roza,
 & Venus entre as estrellas:
 mais q' o Sol parece entre ellas;
 pois somente por conceito,
 se conhece este sugeito;
 & he com modo superior,
 se do Imperio illustre flor,
 de Lisboa amor perfeito.

2
Não morreo por causa huma-
 (na,
 esta das flores-rainha,
 decreto fim que lá vinha
 da quella mão soberana:
 não foy a morte tirana,
 que fora grande defeito,
 fugarle tal sugeito,
 da Parca aos golpes tiranos;
 não foy por meyo humanos,
 foy por divino preceito.

4
Este nevado jasmim,
 este Sol bello & do urado,
 diz a toda a flor do prado,
 aprendei flores de mim;
 hontem maravilha emfim,
 hoje o septro se perdeo,
 mas logrei mayor trofeo;
 pois por juizo profundo,
 foy maravilha no mundo,
 por ser perpetua no Ceo.

o idol emil haim e
 como o ravo the-cho
 seis euz se lamenas

lincil

Esta



MOTTE.

Esta que activa se ostenta,
& ao mais sublime sobio,
como o rayo lhe cahio,
feita cinza se lamenta.

G L O S A.

1

Fertil, & frondosa planta,
que sendo gloria dos arcs,
expiestas teus pezares
com destroço, & perda tanta,
tua de graça delicata,
quem tea destroço lamenta;
chegou do rayo a tormenta,
naõ fheis mortaes na vida,
pois hoje se vê cahida,
esta que aliua se offenta.

2

Nesta transitoria vida,
nem cousa algũa ha firmela,
quando hús sobem por grãdesa,
outros decem por cahida:
nesta planta mais crecida,
todo o successo se vio,
pois feita em cinza cahio,
& se vê, que se crecco,
ao mais infimo decco,
& ao mais sublime subio.

3

Prenhe húa nuvé de hũ rayo
a esta planta o tiro faz,
& o frondoso lhe desfaz,
com bem lastimoso ensayo;
da gala que lhe deu Mayo,
abrazada desistio,
do fogo o rigor lentio,
& assim logo se acabou;
porque em cinzas se tornou,
como o rayo lhe cahio.

4

Acabou a Magestade
dessa arvore superior,
que o tempo a todos traydor,
usou de sua crueldade:
dessa cruel impiedade
nem húa planta se izenta,
porque he geral a tormenta;
& se vê que neste estado,
a que era gala do prado,
feita cinza se lamenta.



MOTTE.

Com o bem que se perdeu,
 & a desgraça nos desterra,
 ficou Heraclita a terra,
 ficou Democrito o Ceo.

G L O S A.

1
O Luzo Heraclito chora
 a falta do mayor bem,
 Democrito o Ceo, pois tem
 o bem que nos falta agora;
 effeitos taõ desta aurora,
 (que tal exemplo nos deo)
 chora, & ri a terra, & Ceo,
 & neste pranto que entoa,
 ri o Ceo, chora Lisboa,
 com o bem que se perdeo.

2
SEndo de Deos o decreto,
 foy açoute & foy castigo,
 faltarnos taõ grande abrigo,
 assim de amor, como affecto.
 chore & lamente o discreto,
 finta & pene toda a terra,
 que quem lamenta naõ erra,
 a falta desta coluna,
 que nos ulurpa a fortuna,
 & a desgraça nos desterra.

3
CHore todo Portugal,
 toda Lisboa lamente,
 & finta continuamente,
 toda a terra tanto mal:
 morreo a garça real,
 fez-nos a Parca esta guerra,
 já a dita se desterra,
 tornoule o gosto tormento,
 & com tanto sentimento,
 ficou Heraclita a terra.

4
PErdeo a terra esta estrella,
 ganhou o Ceo esta flor,
 era a belleza mayor,
 foy ser na gloria mais bella;
 o Ceo que esta flor anella,
 com festas a recebeo,
 mas a terra que a perdeo,
 lamenta quando o Ceo canta,
 & com alegria tanta,
 ficou Democrito o Ceo.

ROMANCE.

ACROSTICO RECOPILANDO AS
empresas com o nome da Magestade defunta pelas
primeiras letras de cada verso.

- * De pois que cahio a flor,
O prado de sentimento,
Nos dá por flores abrochos,
A fonte por Agua incendios.
- * Mudando intento & destino,
A aguja não busca a f. bo,
Rigores experimentando,
I a da feta, ja do tempo.
- * A lux do Sol offendida,
S ão lombra seus luzimentos,
O que he horror! foraõ luzes,
F icou o fermoso feo.
- * I a dos mares & dos riscos,
V Nao padece desprezos,
I nchadas ondas aoprinem,
N efiros lhe metem medo.
- * A perpetua triunfadora,
B aldona amores perfeitos,
E como por terra os poltra,
E a no Ceo busca os trofeos.
- * Desmentida em afucena,
E sta roza muda os termos,
N o candido mostra o mais,
E no encarnado o q he menos.
- * O loureiro feito em cinza,
B em pòde entoar mementos,
V é Heraclito o que chora,
R i Democrito o que vemos.
- * R oza murcha a chora o prado,
A guia já falta de alentos,
I á eclipsada, húa luz,
I ao com vela, mas tem remos.
- * H úa perpetua infelice,
M or em flor ja desfeito,
H ADE mentida a flor Rainha,
E m cinza feito o loureiro.
- * P ara chorar os destroços,
P O u celebrar os trofeos,
P O r talidades canonizaõ,
I erturas de amantes peitos.
- * V e-se o cometa no Ceo,
G ira a terra o firmamento,
G abase a fermofura,
G eva a morte o q he mais bello.
- * O determinaõ as flores,
D e pois de ver este excesso,
E ste destroço, este avizo,
O cazo mais estupendo.
- * S e os exemplos são avizos,
S T omem as flores exemplo,
T E m vejaõ, que a mais fermosa
M urcha-a o Sol, secca-a o vento.

F I M.